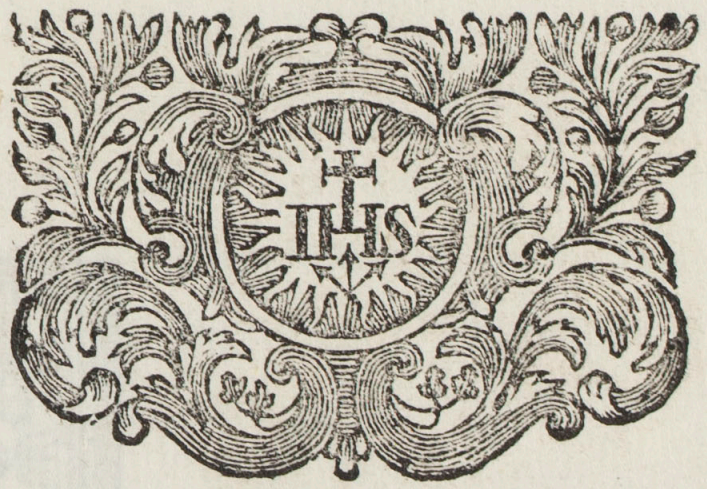
233

SERMAÕ
DA GLORIOSA
SANTA ANNA,
MÀY DA MÀY DE DEOS,

PRE'GADO
NA ACC,AÕ VOTIVA, QUE NA IGREJA do Real Collegio da Companhia de JESUS da Cidade da Bahia

DEDICOU A' MESMA SANTA A SENHORA
DONA JOANNA DA SYLVA
GUEDES DE BRITO,
PELO
R. P. M. MANOEL RIBEYRO
Da meſma Companhia, Lente de Prima de Theologia nos Eſtados geraes do meſmo Collegio.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Offic. de MANOEL FERNANDES DA COSTA,
Impreſſor do Santo Officio.

Anno de M.DCCXXXV.
Com todas as licenças neceſſarias.

31 I
9

236

A' SENHORA

DONA JOANNA DA SYLVA GUEDES DE BRITO.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

SENHORA.

FEZ V. S. *publico a eſte novo Mundo da America Portugueza no mayor theatro delle o ſeu grande amor, e cordeal affecto à glorioſiſſima Senhora SANTA ANNA Mãy*

* .. *da*

2
I 15

da Mãy de Deos, conſagrando-lhe Altares, e dedicando-lhe a Capella, que na Igreja deſte Real Collegio da Companhia de JESUS deſta Cidade da Bahia he jazigo daſua grande caſa. E naõ ſatisfeito o amor de V. S. com as grandes deſpezas, que no ornato da meſma Capella, no mageſtoſo do retabulo, com que hoje ſe vê ennobrecida, no primoroſo das Imagens da meſma SANTA, e de ſeu glorioſiſſimo Eſpoſo S. Joaquim, que nella ſe veneraõ, tinha diſpendido a liberal grandeza de V. S. para que nos coraçoens dos moradores deſta grande, e populoſa Cidade excitaſſe novos incendios o amor, e devoçaõ para com a Senhora SANTA ANNA, e para mayor commodidade, e facilidade de recurſo ao ſeu grande patrocinio determinou V. S. feſtejar neſta ſua Capella a meſma glorioſa SANTA com aquella magnificencia, e pompa, que ſe vio. e admirou aos 26. de Julho deſte preſente anno de 1734. Houve (naõ ſey para que deſtino) de entrar eu à parte deſta grande ſolennidade, como Panegyriſta della. Foy aquelle elogio parto de hum Prégador ſem nome, e menos verſado na arte de todas as artes a Oratoria; porque applicado a outros cuidados, lhe naõ daõ eſtes treguas para outros empregos. Motivos eraõ eſtes ou para negar à luz publico o nome de ſeu Author neſte elogio, ou para ſuffocar eſte parto como abortivo antes de ſahir à luz. Aquelle natural receyo, que todos geralmente tem, de ſe exporem nas ſuas obras à cenſura dos Criticos, me obrigava a ſepultar em ſilencio eſte papel,

ſe

ſe me naõ conſtrangeſſem a eſta forçoſa obèdiencia outras razões mais relevantes. Foy a primeira o dignarſe V. S. de ſignificar a ſua vontade de que ſe déſſe à luz publica eſte Paneggyrico; e como eſta ſignificaçaõ tinha força de preceito, tenho por certo que os creditos, que conſeguir eſte dezenho pelo que tem de ſeu Author entre os doutos, conſeguirá entre os politicos o merito da minha obediencia por mais cuſtoſa. Nas aras da obediencia he a vontade a melhor victima; neſte ſacrificio ſoy tambem victima o entendimento, rendendo-o em tudo às diſpoſições de V. S. ſeguro de que na grandeza deſte nome levava affiançados ſe naõ os creditos, a deſculpa. Foy a ſegunda o perſuadirme que neſte breve raſcunho ſe leria como em mappa, e ſe faria tambem publico no Mundo velho aquelle grande amor, affecto, e cordeal devoçaõ de V. S. à glorioſiſſima Senhora SANTA ANNA; ſendo jà effeitos deſte grande amor para com a meſma SANTA as prendas certas das muitas felicidades, que por meyo, e interceſſaõ ſua deſtina Deos à grande caſa de V. S. o verſe V. S. no logro dos feliciſſimos deſpoſorios de ſeu digniſſimo conſorte o Senhor Manoel de Saldanha da Gama; chegando o meſmo Senhor a eſta Cidade da Bahia com viagem taõ feliz, que parece ſervio o amor de Piloto; mas certamente o foy a poderoſa interceſſaõ, e valia da meſma SANTA; pelo que depois ſe vio, achando-ſe incapaz de ſervir a náo, que o conduzio a eſte porto. Eſtes principios prognoſticos de outras mayores felicidades podem aſ-

ſegu-

ſegurar a V. S. do muito, que a meſma SANTA ſe moſtra obrigada à piedade, e liberal magnificencia de V. S. e a mim huma mais benigna interpretaçaõ, ou perdaõ dos erros, que lerem os Criticos neſte papel. A peſſoa de V. S. guarde Deos por largos annos. Collegio da Bahia, e de Novembro 30. de 1734.

De V. S.

O mais humilde criado, e obediente Capellaõ

MANOEL RIBEYRO DA C.

LI-

LICENÇA
DA ORDEM.

EU Miguel da Coſta da Companhia de JESUS, Vizitador geral, e Vice-Provincial da Provincia do Braſil por commiſſaõ eſpecial, que tenho de noſſo muito Reverendo Padre Geral Franciſco Rodrigues, dou licença para que ſe poſſa imprimir o Sermaõ da glorioſa SANTA ANNA, Mãy da Mãy de Deos, prégado pelo Padre Manoel Ribeiro na Igreja do Real Collegio da Companhia de JESUS da Cidade da Bahia, o qual foy reviſto, e approvado por Religioſos doutos della por nós deputados para iſſo, e em teſtemunho da verdade dey eſta feita, e aſſinada com o meu ſinal, e ſellada com o ſello de meu officio. Dada na Bahia aos 12. de Janeiro de 1735.

Miguel da Coſta.

LI-

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO.

O Padre Meſtre Fr. Antonio de Santa Maria, Qualificador do Santo Officio, veja o Sermaõ, que ſe appreſenta, e informe com ſeu parecer. Lisboa Occidental 4. de Novembro de 1735.

Fr. R. de Lancaſtre. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares. Abreu.

EMMINENTISSIMO SENHOR.

EM toda a circunferencia da terra tem brilhado, e luzido o Sol das Religiões ſagradas, a preclariſſima, ſempre excelſa, e ſapientiſſima Companhia de JESUS, com luzes inacceſſiveis de virtude com os mais brilhantes reſplandores da ſabedoria; porèm no Mundo Americano appareceraõ em todos os ſeculos huns Aſtros de tal grandeza, que a todos aſſombráraõ por ſeus immenſuraveis talentos. Prolixa fora a narraçaõ de todos, quando por todos hum ſó baſta, o grande, eximio,

eximio, e ſempre unico Lisboeta o Reverendiſſimo Padre Meſtre Antonio Vieira. Mas para que aquelle Mundo, verdadeiramente aureo, não eſtiveſſe nunca ſem hum Planeta ſingular, que com admiraçaõ, aſſombro, e paſmo o illuſtraſſe, reproduzio-ſe o eſpirito daquelle Heroe, a todas as luzes maximo, no Reverendiſſimo Padre Meſtre Manoel Ribeiro da meſma Companhia, Lente de Prima de Theologia no Real Collegio da Cidade da Bahia. Bem o moſtra neſte Sermaõ da glorioſa SANTA ANNA, que pretende dar ao prélo Marçal Alveres Pereira, no qual com as Theologias mais elevadas oſtenta a eloquencia mais relevante: tudo, ſem mais, nem menos, taõ ajuſtado com os dogmas da noſſa Fé, e regras dos bons coſtumes, que não diſcrepa hum apice dos bons coſtumes, e da Fé: pelo que ſe faz acredor da licença de V. Emminencia para ſe immortalizar na eſtampa. V. Emminencia mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental Convento da Boa Hora dos Agoſtinhos Deſcalços 11. de Novembro de 1735.

Fr. Antonio de Santa Maria.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir o Sermaõ, de que ſe trata; e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 11. de Novembro de 1735.

Fr. R. de Lancaſtre. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

PO'de-ſe imprimir o Sermaõ, de que ſe trata, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 12. de Novembro de 1735.

Gouvea.

DO PAÇO.

O Padre Meſtre Doutor Fr. Antonio do Sacramento veja o Sermaõ, de que eſta Petiçaõ trata, e pondo nelle o ſeu parecer, o remetta a eſta Meſa. Lisboa Occidental 14. de Novembro de 1735.

Pereira. Teixeira.

SE-

24-

SENHOR!

PArece-me que eſte Sermaõ da glorioſa SANTA ANNA, que prégou na Cidade da Bahia o Reverendiſſimo Padre Manoel Ribeiro da ſagrada Companhia de JESUS, e que pretende imprimir Marçal Alveres Pereira, he muito digno de ſahir à luz publica, e de ſe facilitar ao Mundo por meyo da eſtampa; não ſó porque naõ contém couſa, em que ſe offendaõ as Leys do Reyno, ou o Real ſerviço de V. Mageſtade, mas porque em todo elle tem os Prégadores muito que aprender, e os Fieis muito que advertir, para ſe deſafiarem para novos affectos, e novos cultos daquella glorioſa SANTA, a quem Deos predeſtinou para a elevada gloria da Maternidade de ſua Santiſſima, e puriſſima Mãy. Eſte he o meu parecer, V. Mageſtade mandatá o que for ſervido. S. Domingos de Lisboa Occidental em 17. de Novembro de 1735.

Fr. Antonio do Sacramento.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará a eſta Meſa para ſe conferir, e taxar, e dar licença para correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 19. de Novemb. de 1735.

Pereira. Teixeira.

Si-

6
115

7
215

241

J. M. J.

Simile eſt Regnum Cœlorum theſauro abſcondito.
Matth. 13. 44.

§ I.

TRES vezes no meſmo Evangelho temos hoje comparado o Reyno do Ceo. Ao theſouro: *Simile eſt Regnum Cœlorum theſauro abſcondito*; eiſ-ahi a primeira. A' perola, ou pedra precioſa: *Inventa una preciosa margaritâ*; eiſ-ahi a ſegunda. E à rede lançada ao mar: *Sagenæ miſſæ in mare*; eiſ-ahi a terceira. E ſendo tantas as comparaçõnes, he a ſemelhança a meu ver taõ pouca, que, a não ſer o Texto de fé, difficultoſamente o havia de crer. O Ceo ſemelhante à rede, e aos ſeus lanços! Quem crerá tal, ſe Chriſto o não diſſéra? Primeiramente nos lanços da rede entraõ bons, e máos. Aſſim o ſuppõe expreſſamente o meſmo Evangelho: *Elegerunt bonos in vaſa, malos autem*

tem foras miſerunt. E no Ceo, e nos ſeus lanços não tem lugar ſenão os bons. Digaõ-no daquellas dez Virgens do Evangelho as cinco, a quem a ſua loucura fechou as portas. Mais: deſde o principio do Mundo eſtá o Ceo lançando as redes, e eſtendendo os lanços; na ley da natureza pelos Patriarcas: na eſcrita pelos Profetas; na da graça pelos Apoſtolos, e ſeus ſucceſſores. E quantos foraõ a reſpeito do Ceo os lucros deſſes ſeus lanços? Comparados com os do Inferno, ſem eſcrupulo o digo, de peyor partido ficou ſempre o Ceo. Entaõ hey eu de crer que o Ceo he ſemelhante à rede nos ſeus lanços? Sim creyo; mas porque o diz o Evangelho.

2 A meſma difficuldade encontro tambem na comparaçaõ da perola. A perola precioſa era huma ſó: *Una pretioſa margaritâ.* E tambem o Reyno do Ceo he hum ſó conformo o Texto de S. Paulo: *Unus Deus; una fides; unum baptiſma.* Por iſſo o Evangeliſta não fez comparaçaõ dos Ceos, ſenão do ſeu Reyno; porque, ainda que os Ceos ſaõ muitos, o Reyno he hum ſó: *Regnum Cœlorum.* Atèqui bem eſtava eu com a ſemelhança. No que ſe ſegue he toda a difficuldade. A perola, aſſim como era huma ſó, aſſim tambem foy para hum ſó negociante; e muito à ſua cuſta: *Homini negotiatori... vendidit omnia, quæ habuit,*

buit, & *emit eam*. Toda a fazenda, e cabedal do mercador foy preço daquella perola. Muito menos cuſta o Ceo, e dá-ſe a todos os que ſabem negociar com elle. Cuſta muito menos; porque ſe dá de graça, diz o Sabio: *Emite abſque argento*. Dá-ſe a todos os que ſabem negociar com elle; porque aſſim o diz Chriſto a todos: *Negotiamini dum venio*. E em tanta differença como póde haver ſemelhança?

3 Só no theſouro parece que corre a comparaçaõ. O theſouro eſtava eſcondido no campo: *Theſauro abſcondito in agro*; e tambem o Reyno do Ceo, quando os Ceos eſtaõ taõ patentes a noſſos olhos, ſe nos eſconde à viſta. O campo vê-ſe; mas o theſouro, e Reyno não; e niſto parecem ſemelhantes: *Simile eſt Regnum Cœlorum theſauro abſcondito*; aſſim parece nas Eſcrituras, nas Profecias, nos Preceitos, nos Sacramentos, e no da Eucariſtia em penhor: *Futuræ gloriæ nobis pignus datur*, canta a Igreja. Que importa logo que ſe eſconda no campo, ſe eſtá patente fóra delle? Em que eſtá pois a ſemelhança, que tanto ha buſcamos no Evangelho, como o homem delle o theſouro? Digo com Maldonado que no preço, e eſtimação: *Theſauro, id eſt, rei, quæ æſtimari non poteſt*, diz eſte grande Commentador. De maneira q̃ no theſouro ha hum mais,

que excede todo o preço. No Ceo ha hum mais, que excede toda a eſtimaçaõ. O mais do theſouro excitou a cubiça do mercador do Evangelho; e foy eſta a primeira vez, que o vicio foy virtude: *Prægaudio illius vadit, & vendit univerſa, quæ habet, & emit agrum illum.* O mais do Ceo excita os deſejos dos que o buſcaõ. E eſtes dous mais ſaõ os termos da ſemelhança no ſentir de Maldonado: *Simile eſt Regnum Cœlorum theſauro, id eſt, rei, quæ æſtimari non poteſt.*

4 Atèqui o Evangelho. Pondo agora os olhos naquella Santiſſima Matrona, que mereceu ter a Deos por Neto, e por Filha a Mãy do meſmo Deos, em que deſcobrimos nós a ſemelhança ou com o Ceo, ou com o theſouro? Em outros dous mais, que tambem excedem todo o preço, e eſtimaçaõ. Hum mais a reſpeito de Deos; outro mais a reſpeito dos homens. Hum mais a reſpeito de Deos, que ſobre lhe levar as attenções, lhe roubou os affectos. Outro mais a reſpeito dos homens, que lhes ſegurou as eſperanças. E ſendo eſtes dous mais os termos da ſemelhança; ſeraõ tambem os pontos mais fixos do meu diſcurſo. Deos me ajude a moſtrallos, como dezejo. Nem nos póde faltar a graça, ſendo a mais empenhada nos louvores de ſua Mãy a ſempre chea de graça.

AVE MARIA.

§ II.

§ II.

Simile eſt Regnum Cœlorum theſauro abſcondito.

5 DOus mais, dizia eu, fundaõ a ſemelhança daquellaSantiſſima Matrona SANTA ANNA com o Ceo, e com o theſouro. Hum mais a reſpeito de Deos; outro mais a reſpeito dos homens. Mas a reſpeito de Deos póde haver mais? Sim póde haver; e hum mais, que Deos não tinha, nem podia ter, em quanto Deos. Excitaõ os Theologos huma queſtaõ: ſe o compoſto ineffavel de Chriſto he mais na razaõ de compoſto, do que o Verbo Divino tomado preciſamente ſem a humanidade? E reſpondem uniformemente que he mais na extenſaõ, na intenſaõ não: logo a reſpeito de Deos póde haver hum mais, que Deos não tenha, nem poſſa ter em quanto Deos; aſſim como o Verbo no compoſto de Chriſto tem hum mais, que não tinha, nem podia ter em quanto Verbo. E qual he eſſe mais? A reſpeito de Deos, torno a dizer, he o ter Mãy: a reſpeito dos homens, e dos mayores homens, he o ter filhos. Nas caſas grandes o ſeguro das eſperanças ſaõ os filhos. Em Deos o que lhe levava as attenções, e roubava

os

os affectos era o ter Mãy. E eſte mais, que Deos não tinha, nem podia ter, em quanto Deos; e aquelle mais, que tanto deſejaõ os homens mayores, ou de mayor qualidade, ſaõ os dous mais, que ſe achaõ no precioſiſſimo theſouro, e campo eſteril de SANTA ANNA.

6 No Evangelho o mais de avanço, que o mercador eſperava no campo, e no theſouro, fez que todo o cabedal do mercador foſſe preço do theſouro: *Vendit univerſa, quæ habet, & emit agrum illum.* Foy o lanço do mercador: deu menos, para lucrar mais. Eu não digo abſolutamente que Deos para lucrar o theſouro precioſiſſimo de ſua Mãy no campo eſteril de SANTA ANNA deu menos; mas em certo modo digo que ſim: fez o lanço como o mercador. O mercador deu menos, porque deu ſó o preço, e achou mais: porque no theſouro achou o preço, e mais o avanço: e o preço junto com o avanço he mais, do que ſó o preço. Deos deu-ſe a ſi meſmo por lucrar o theſouro de ſua Santiſſima Mãy; e deu-ſe a ſi, porque todo o cabedal de Deos he o meſmo Deos: no ventre Santiſſimo de ANNA achou-ſe a ſi, e a ſua Mãy; porque ſe achou Neto de ANNA, e Filho de Maria: Deos Filho de Maria he mais; porque he Deos, e Maria juntamente: logo no theſouro achou mais, e deu menos.

§ III.

§ III.

7 NOn *eſt bonum hominem eſſe ſolum*, dizia Deos comſigo depois de formar a Adaõ, mas antes de formar a Eva: Naõ eſtá bem Adaõ, eſtando ſó. Muito receyo que eſteja peyor, eſtando acompanhado. Que mais tem Adaõ com Eva, que ſem ella? Antes com Eva tem menos; porque tem menos a coſta, de que Eva ſe formou. E falando em termos proprios, com mais cabedal, ou ſubſtancia, que he o meſmo, ſe achava elle de portas adentro quãdo ſó, do que agora ſe acha em companhia de huma mulher. Aſſim o poderá alguem julgar: mas não o julgou Deos aſſim. E porque? Porque em Eva tinha Adaõ muito mais do que tinha em ſi meſmo. Adaõ ſó tinha-ſe a ſi; Adaõ com Eva tinha-ſe a ſi, e tinha adjutorio: *Faciamus ei adjutorium ſimile ſibi*; tinha Eſpoſa: *Hoc nunc os ex oſſibus meis, & caro de carne mea*; tinha filha: *Hæc vocabitur virago, quoniam de viro ſumpta eſt*; e tinha as eſperanças de ſer pay: *Et vocabit Adam nomen uxoris ſuæ Eva, eo quòd mater eſſet cunctorum viventium*. E quando Adaõ em Eva lucrava tanto mais, que muito ſe déſſe a ſi ou todo, ou em parte na ſua coſta, que era menos?

8 O primeiro Adaõ no Paraiſo no ſentir commum era figura de Maria. Tirino: *Per mulierem præcipuè deſignatur B. V. Maria, quæ pariendo nobis Chriſtum ... facta eſt veriſſima Eva.* Melhor Santo Epifanio: *Beata Mater Dei Maria per Evam ſignificatur, quæ per ænigma accepit, ut mater viventium vocetur.* E quando Deos antes de ſe fazer homem ſe julgava ſó ſem Maria: *Non eſt bonum hominem eſſe ſolum*; para lucrar o mais, que tinha em ſua Mãy, deu-ſe a ſi todo em quanto Deos, e em parte, ſe aſſim ſe póde dizer, em quanto Verbo; como Adaõ a ſua coſta: *Tulit unam de coſtis ejus, & ædificavit eam in mulierem.* E aſſim foy; porque em Maria teve adjutorio para a redempçaõ do Mundo: teve Eſpoſa, teve o ſer Pay de tantos filhos adoptivos, quantos ſaõ os regenerados pelo Sangue de Chriſto, e gerados pelo amor, e protecçaõ de Maria: *Eo quòd eſſet cunctorum mater viventium.*

9 Mas vede onde foy Deos achar eſſe mais, que lucrou em ſua Santiſſima Mãy. Como a Eva, em huma coſta, ou filha de Adaõ duas vezes eſteril; eſteril por natureza, e eſteril pelos annos. Eſteril por natureza; porque, como notou profundamente Tertulliano, Eva foy formada da coſta de Adaõ ainda quando virgem, ou eſterilizado pela virtude da Virgindade: *Ex viro*

ſump-

ſumpta eſt, & ipſo adhuc virgine, ſendo na coſta natural a eſterilidade do ſeu principio. Eſteril pelos annos; porque confórme a melhor opiniaõ Adaõ foy creado em idade de Varaõ perfeito; e o que Adaõ avançava na idade, avançava a coſta nos annos. Mas neſſa meſma coſta aſſim eſterilizada pela natureza, e pelos annos achou Deos o que buſcava, como o mercador do Evangelho o theſouro.

10 Notaõ os Naturaes que os campos, em que ſe criaõ os theſouros, ſaõ eſtereis de ſua natureza. E porque? Porque a meſma natureza occupada em parto muito mais precioſo eſquece-ſe dos frutos de menos preço. Aſſim ſe eſqueceu da noſſa Santa a natureza, deixando-a eſteril, mas para nella ſe formar parto ſem comparaçaõ de muito mayor eſtima. Creſceraõ os annos, e eſterilizáraõ de novo aquelle campo: mas neſſe meſmo campo duas vezes eſteril, como a coſta de Adaõ, achou Deos a ſua Eva, que eraõ todos os ſeus cuidados: *Non eſt bonum hominem eſſe ſolum: faciamus ei adjutorium ſimile ſibi.* Digo que eraõ todos os ſeus cuidados; porque aquelle mais de theſouro de SANTA ANNA, ou o ter Deos Mãy em Maria, he o que (como ao principio diſſe) ſobre lhe levar as attentações lhe roubava os affectos.

§ IV.

11 DUas couſas notey ſempre na formaçaõ de Eva; huma da parte da materia; outra da parte do modo. Da parte da materia, por ſer eſta huma das coſtas de Adaõ: da parte do modo pelas muitas diſpoſições, que precederaõ à meſma formação. Vamos à primeira. Se Deos formava Eva para o governo domeſtico da caſa de Adaõ, não ſeria mais conveniente que a formaſſe de huma parte da cabeça do meſmo Adaõ, porque ſeria tambem eſta parte em Eva, e ſuas filhas de melhores quilates? Pois porque a não fórma da cabeça, ſenão da coſta? Mais: ſe a formava para adjutorio, para alivio, para conſorte da vida, e dos trabalhos de Adaõ, por que a não fórma de huma parte dos braços, ſenão da coſta? O reparo foy primeiro de Santo Thomaz, e depois de Abulenſe; e he de ambos a repoſta: *De coſta autem fœmina formata fuit, quia coſta adhæret cordi, ut notaretur quòd vir uxorem valde amare deberet.*

12 Era Eva figura de Maria. Era Adaõ figura do Divino Verbo; e buſcar o Verbo a Maria no lado, ou theſouro de SANTA ANNA, he, porque lhe roubou mais o coraçaõ: *Vulneraſti cor meum, ſoror mea ſponſa, vulneraſti cor meum:*

Fe-

Feriſte-me o coração, dizia o Divino Verbo, naquelle ſeu Epithalamio, em q̃ fez publico ao Mundo o ſeu amor: feriſte-me, &c. feriſte-me o coraçaõ, Eſpoſa minha: *Abſtuliſti nobis cor*: leraõ os Settenta: roubaſte-me o coraçaõ. Mas como? *Amore tui*, commenta Tirino: pelo amor, que vos tenho. E como a Senhora como Eſpoſa, e como Mãy do Divino Adaõ na coſta como em figura lhe roubava o coraçaõ, e no coração o amor, e os affectos, por iſſo na coſta, ou lado eſteril de SANTA ANNA o buſcou, e achou como o mais de ſeus deſejos: *Tulit unam de coſtis ejus: de coſta autem fœmina formata fuit, quia coſta adhæret cordi: Vulneraſti cor meum, ſoror mea Sponſa: abſtuliſti nobis cor.*

§ V.

13 AGora o ſegundo reparo. Para Deos formar a Adaõ, toma nas mãos hum pouco de barro, e ſem mais que hum *Faciamus hominem*, ſahe à luz com aquelle artefacto capaz de imprimir nelle a ſua Imagem. Quer Deos formar a Eva, e vede o que faz; entra primeiro em conſulta: *Non eſt bonum hominem eſſe ſolum: faciamus ei adjutorium ſimile ſibi.* Faz que Adaõ durma no caſo: *Immiſit ergo Dòminus Deus ſoporem in Adam.* Paſſa a tirarlhe

huma coſta: *Tulit unam de coſtis ejus*; e depois de tudo iſto paſſa entaõ a formar a Eva: *Et ædificavit Dòminus Deus coſtam, quam tulerat de Adam, in mulierem.* Pois valha-me Deos; para formar a Adam hum *Faciamus* baſta; para formar huma mulher tantos vagares, tantas diſpoſições, tantos preludios? Ahi vereis o que he formar huma mulher, que ſeja mulher de ſua caſa. A razão porèm da differença a meu ver he, porque em Eva formava Deos huma idéa de ſua Mãy; e como eſta lhe levava todas as attenções, houve de proceder com aquelles vagares, e cautelas ainda na formaçaõ da ſua figura. O mais das attenções de Deos não he Adaõ, he Eva figura de Maria.

14 No Calvario houve o ſegundo Adaõ de teſtar; e ſendo aſſim que o Eterno Padre lhe tinha poſto em ſuas mãos todas as ſuas riquezas: *Omnia dedit Pater in manus*, a unica, de que teſtou, foy de ſua Mãy: *Deinde dicit Diſcipulo: Ecce mater tua.* Pois ſe Chriſto tem tanto mais, de que poder teſtar, porque teſta ſó de ſua Mãy? Porque para com Deos a reſpeito de ſua Mãy tudo o mais he menos; e o tudo mais de Deos he ſua Mãy. Grandemente ao intento o melhor Expoſitor dos Juizes: *Solam Mariam Joanni teſtamento legat; ipſumque ſolius Mariæ hæredem inſtituit; quia inter tot opes, & gazas*

Re-

Regis Chriſti nihil ditius Mariâ, nihil charius ea. Eſte mais pois das attenções de Deos, e eſte mais objecto eterno de ſeus affectos foy o que o meſmo Deos primeiro que os homens, ou homem do Evangelho achou no precioſiſſimo theſouro, e campo de SANTA ANNA, por iſſo ſemelhante, mas com incomparaveis exceſſos nos ſeus mais ao theſouro do Evangelho: *Simile eſt Regnum Cœlorum theſauro, id eſt, rei, quæ æſtimari non poteſt.*

§ VI.

15 O Segundo mais, (dizia eu) que no theſouro precioſiſſimo de SANTA ANNA acháraõ os homens, he o ſeguro das ſuas eſperanças. E qual he, ou póde ſer eſte? Nas caſas grandes ſaõ os filhos; porque eſtes ſaõ os que as fundaõ, edificaõ, e fazem perpetuas. Torne outra vez a coſta de Adaõ, e com ella aquella primeira mulher, que parece apoſtou hoje a nos fazer os gaſtos. De Adaõ diz o Texto que o formára Deos da terra, ou barro: *Formavit igitur Dòminus Deus hominem de limo terræ.* De Eva porèm não diz o Texto que Deos a formára, ſenão que a edificára: *Et ædificavit Dòminus Deus coſtam, quam tulerat de Adam, in mulierem.* Reparou Santo Epifanio na diverſidade,

13
215

de, e propriedade dos termos, e todos os mais depois delle: *Vide*, diz o Santo, *Scripturarum accuratam dicendi proprietatem, quòd de Adam quidem dixit, formavit: de Eva verò non formatam eſſe, ſed ædificatam.* Pois que razão houve para dizer a Eſcritura que Deos formou a Adaõ, e não a Eva, ſenão que a edificou. S. Joaõ Chryſoſtomo buſca a razão nos ſeus principios. O principio de Adaõ foy o barro; o principio de Eva foy a coſta de Adaõ. Sobre taõ ſolidos fundamentos ſe levantou aquella fermoſa fabrica, que depois levou apoz ſi os olhos de Adaõ, e os leva ainda hoje a ſeus filhos. E como o edificar com toda a propriedade he o levantar a fabrica ſobre os fundamentos, por iſſo de Eva, e não de Adaõ ſe diz com toda a propriedade que Deos a edificára: *Et ædificavit Dòminus Deus coſtam in mulierem.*

16 Boa razaõ, ſe olharmos para os principios de Adaõ, e Eva: mas não aſſim, ſe olharmos para o fim. O fim, para que Deos creou a Eva, foy para que na deſcendencia, e poſteridade de Adaõ eſtabeleceſſe, e firmaſſe a primeira caſa, que levantára na Republica do novo Mundo. E porque nas familias os filhos ſaõ o meſmo, que nas fabricas o edificio, para que Adaõ entendeſſe deſde logo que em Eva eſtava o ſeguro da ſua deſcendencia, não a formou

Deos

Deos como a Adaõ, edificou-a: *Et ædificavit Dòminus Deus coſtam, quam tulerat de Adam, in mulierem.* E porque não pareça a alguem que a interpretação do Texto he deſtituida da authoridade, e razaõ, ouçamos a huma grande mulher, que tambem eſtabeleceu huma das grandes caſas, que houve no Mundo.

§ VII.

17 ENtrára Sara nos annos da velhice, e vendo-ſe ſem ſucceſſaõ à ſua caſa, entrou em penſamentos de a eſtabelecer do melhor modo, que pudeſſe. Com eſte deſejo, que nas que deſejaõ ſer mãys he o mais violento, e impaciente, deu em huma traça taõ galante, como propria de mulher. Como era eſteril por natureza, e por velha, quiz haver os filhos, que não tinha, de Abrahaõ ſeu marido, em Agar ſua eſcrava. Linda traça por certo: mas como Sara o traçou, aſſim o executou. Em fim caſou Abrahaõ com Agar, ſendo viva ſua primeira mulher. Eu não ſey ſe ainda hoje ha Saras no Mundo. O que ſey he, que Abrahaõ podia fazer, o que fez por diſpenſação Divina; e o que fazem os ſenhores com ſuas eſcravas com conſentimento das ſuas Saras, ou ſem elle, o não podem fazer; porque todos eſſes matrimonios

nios ſaõ nullos por claudeſtinos.

18 Ouçamos agora a propoſta de Sara a ſeu marido: *Ecce concluſit me Dòminus, nè parerem.* Fez-me Deos eſteril por ſeus altos juizos. Acaba-ſe a caſa, e familia. Pois que remedio? *Ingredere ad ancillam meam, ſi fortè ſaltem ex illa ſuſcipiam filios:* Leu o Hebreu na interpretação de DelRio: *Siquo modo ædificer ex ea.* Na de Pereira: *Si fortè ædificabo ex illa.* O remedio, diz Sara, he caſar Abrahaõ com Agar; para ver ſe tenho della filhos. Atèqui eſtá bem; porque entendeu Sara que baſtava ſerem os filhos de ſeu marido, ainda que foſſem de huma eſcrava, para que foſſem tambem filhos ſeus. Mas que ao ter filhos chame edificar: *Si fortè ædificabo ex illa*: *Siquo modo ædificer ex ea?* Sim, diz DelRio; porque os filhos ſaõ os ſeguros das caſas, e das familias: *Quia quandiu liberi ſuperſunt*, ſaõ as ſuas palavras, *domus* (*hoc eſt familia*) *ſtat*; *illis deficientibus*, *ruit.* Como a vida dos pays he perpetua nos filhos, em quanto ha filhos ha caſa; ſe os não ha, não a ha: *Illis deficientibus*, *ruit.* Eſte ſeguro pois taõ eſperado, e deſejado das caſas, e das familias he o mais, que os homens acháraõ no precioſiſſimo theſouro de SANTA ANNA: e o primeiro, que nella o achou, foy a meſma Santa.

§ VIII.

§ VIII.

19 A Mayor caſa, que houve, nem ha de haver no Mundo, foy a de SANTA ANNA; porque àlem de ſe levantar por hum lado ſobre a Real caſa de David, e pelo outro ſobre a Sacerdotal de Araõ, veyo-ſe a eſtabelecer em Deos, como em ſeu legitimo ſucceſſor. E onde achou SANTA ANNA eſta ventura? Em ſi meſma. Vendo-ſe SANTA ANNA como Sara duas vezes eſteril, eſteril pela natureza, e eſteril pelos annos; vendo a ſua caſa ſem ſucceſſaõ, vendo-ſe como reprovada de Deos, e motejada do povo, retira-ſe a hum horto, ou jardim, e ahi proſtrada diante do Altiſſimo inſta pelo remedio da ſua afflicção, e complemento das ſuas eſperanças. E que ſuccedeu? Succedeu que em ſi meſma achou não ſó o que buſcava, mas mais ainda do que buſcava. Achou o que buſcava, porque achou ſucceſſaõ á ſua caſa. Achou mais do que buſcava, porque achou por ſucceſſora a Mãy de Deos. De maneira, que a primeira, em quem SANTA ANNA fez o milagre de ſegurar as eſperanças na ſucceſſaõ dos filhos, foy em ſi meſma. Ouçamos a S. Joaõ Damaſceno: *Hunc in modum & hæc per ſupplicationem, & repromiſſionem à Deo Deiparam profert.*

fert. Parit ergo gratia. Dirigiraõ-ſe as ſupplicas a Deos, diz o Santo: mas ANNA foy a que achou o theſouro; e a graça (que eſſe he o nome de ANNA) a que o deſcobrio: *Deiparam profert. Parit ergo gratia.*

20 No capitulo 17. diz Deos pelo Profeta Ezequiel que fez florecer o lenho ſecco: *Frondere feci lignum aridum.* Alapide diz que eſta profecia ſe comprio, quando ſe comprio a de Iſaias: *Egredietur virga de radice Jeſſe.* E ſendo na interpretação commua com S. Jeronymo a Vara de Jeſſé a Senhora, a raiz neceſſariamente he SANTA ANNA. Pois, ſe Ezequiel diz que Deos foy o que fez florecer a raiz, ou lenho ſecco, e eſteril: *Frondere feci lignum aridum;* como diz Iſaias que a raiz foy a que produzio a vara: *Egredietur virga de radice Jeſſe?* Porque tudo foy. Deos, e SANTA ANNA, ambos acháraô o theſouro de Maria: SANTA ANNA com as ſupplicas, Deos com o deſpacho dellas. Com o deſpacho floreceu o lenho eſteril: *Frondere feci lignum aridum.* Com as ſupplicas brotrou da raiz a vara: *Egredietur virga de radice Jeſſe.* E como da meſma raiz, de que brotou a Vara, naſceraõ as ſupplicas, por iſſo a raiz foy a que achou, e produzio a Vara: *Et hæc per ſupplicationem, & repromiſſionem à Deo Deiparam profert. Parit ergo gratia.*

21 E ſe a glorioſa SANTA ANNA em ſi meſma aſſim aſſegura as eſperanças da ſua ſucceſſaõ, ſerá menos poderoſa para as aſſegurar na ſucceſſaõ alhea? Naõ o moſtra aſſim a experiencia, nem o nome de ANNA o diz aſſim. ANNA no ſentir do Autor das Allegorias val o meſmo, que *dœnans*: a que dá; e aſſim o moſtrou SANTA ANNA; porque ſempre a outros deu mais do que tomou para ſi. De toda a ſua fazenda dava duas partes aos outros, e tomava huma ſó para ſi. A Deos huma; aos pobres outra: e para ſi, e para ſua familia huma ſó. Pois, ſe SANTA ANNA he taõ liberal, e dadivoſa para com os outros, ſe ſe ha aſſim na repartição da ſua fazenda, na da graça, que he eſpecialmente ſua, porque ſe não haverá aſſim? Ora ouvi o caſo ſeguinte, e acabo.

§ IX.

22 EM huma Cidade de Lorena (conta Rozental) havia dous nobres caſados taõ unidos pelo vinculo do amor, e do Matrimonio, como deſconſolados pela falta de ſucceſſaõ. Creſcia a pena da affligida ſenhora com a viſta de huma pobre viſinha de fecundidade taõ prodigioſa, que contava os filhos pelos annos: tantos filhos, porque era hum cada anno. Deſejava pois aquella ſenhora de ſaber a

origem de tanto bem, ainda que a pobreza o fazia menos precioſo, perguntou à viſinha qual era a cauſa de taõ grande beneficio? Reſpondeu ella que a Senhora SANTA ANNA a tinha feito tantas vezes mãy. Pegou-ſe logo a illuſtre ſenhora, e ſeu marido com a SANTA. Erigiraõ-lhe Altares, conſagraráõ-lhe cultos, offereceraõ votos, e offertas; e experimentáraõ logo o agradecimento da noſſa SANTA; porque a pouco tempo ſe ſentio aquella ſenhora pejada. Mas, como o beneficio recebido eſquece, eſqueceu-ſe aquella ſenhora menos illuſtre no ſeu agradecimento da ſua Bemfeitora. Chegou o tempo do parto, e quando eſperava ſucceſſaõ à ſua caſa, achou-ſe com o luto della em huma menina morta. Aqui a impaciencia do marido, tendo-ſe por enganado da ſua devoção. Mas a mulher, que na fatalidade do caſo era ſó a culpada, recorreu à meſma SANTA com viva fé. Caſo prodigioſo! Começou o corpinho frio, e em parte jà corrupto a conceber calor; logo a dar ſinaes de vida, e ultimamente a chorar.

23 Mas, ſe SANTA ANNA havia de reſſuſcitar aquella prenda ſua, para que permittio que morreſſe? Para a dar duas vezes; a primeira, dando-a viva, a ſegunda reſſuſcitada. Matou-a a ingratidaõ da mãy: reſſuſcitou-a a generoſi-

dade

dade de SANTA ANNA; porque não era bem que perdeſſe por culpa de ſua mãy de huma vez a vida quem a tinha conſeguido da liberalidade da noſſa SANTA. Houve-ſe SANTA ANNA no caſo, como ſeu Neto no Sacramento. Parece que vem por herança ao Sacramento dar a vida, ou a morte conforme a diſpoſição dos ſugeitos. Se chegais ao Sacramento indiſpoſtos, em lugar da vida recebeis a morte: *Mors eſt malis.* Se chegais diſpoſtos, recebeis a vida: *Vita bonis.* Pois o Sacramento póde cauſar a morte? Naõ: porque o Sacramento ſempre dá vida: *Qui manducat me, & ipſe vivet propter me.* Quem cauſa logo a morte no indiſpoſto? A ingratidaõ. Como correſponde taõ mal a hum beneficio, que todo he amor, a ſua meſma ingratidaõ o mata: *Mors eſt malis*; mas de tal ſorte, que ſe arrependido ſe moſtra logo agradecido, receberá a vida: *Vita bonis.* A ingratidaõ da mãy tirou a vida àquella innocencia: SANTA ANNA reſtituhio-lha, ſuppoſto o ſeu agradecimento, para que atè niſto ſe pareceſſe a Avó com o Neto: SANTA ANNA com Chriſto Sacramentado: *Mors eſt malis, vita bonis.*

§ X.

§ X.

24 GLorioſiſſima Matrona, e Senhora SANTA ANNA, dous mais, o mais de Deos, e o mais dos homens: o mais de Deos, que era o ter mãy, e o mais dos homens, que he o ter filhos, foraõ os que vos fizeraõ ſemelhante, mas com exceſſo ao Ceo, e ao theſouro do Evangelho. Semelhante ſim, torno a dizer, mas com exceſſo; porque os meſmos mais, que fundáraõ a ſemelhança, foraõ os que mais vos ſingularizáraõ. Vós foſtes a unica, que mereceſtes dar a Deos Mãy: Vós a ſingular em dar aos homens filhos. A'quelles voſſos devotos, porque vos deraõ caſa, em que foſſeis venerada, ſeguraſtes a ſua com ſucceſſaõ, que era o mais de ſeus deſejos. Quando neſta caſa entraſtes achaſtes muito mais; porque achaſtes Altares, achaſtes cultos, achaſtes offertas; e achaſtes o affecto, e cordial devoçaõ ſem eſquecimento, que he muito mais. E ſerá bem que ſe diga agora de vós que déſtes menos? Naõ eſpero eu iſſo de vós, nem da voſſa generoſidade: o mais, que vos ſingularizou para com os homens, e que mais ſe deſeja, he o que de vós ſe eſpera. E ſerá ſem comparaçaõ muito mais, ſendo dado da voſſa mão: da qual todos

252

dos eſperamos tambem o mais do theſouro da graça, para com elle negociar o mais do Reyno da Gloria. *Ad quam nos perducat Dò-minus, &c.*

FINIS, LAUS DEO,

Virginique Matri ſine labe conceptæ.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

18
J15

BIBLIOTECA
15
JUN.
39
Nº DE REG. 633